

MAPPA DO ESTADO DE GOYAZ

Organizado em 1918
(CENTENÁRIO de GOYAZ-CIDADE)
por FR. REGINALDO TOURNIER
MISSIONÁRIO DOMINICANO
Socio Correspondente
do Instituto Histórico-Geográfico
de RIO DE JANEIRO

PLANTA DA CAPITAL

População da Capital
7.000 hab.
ESCALA - 1:15.000



- LEGENDA**
- A. Praça de Governo
 - B. Catedral da Sé
 - C. Palácio do Arcebispo
 - D. Palácio da Câmara
 - E. Palácio da Prefeitura
 - F. Palácio do Juiz de Fora
 - G. Palácio do Provedor
 - H. Palácio do Tesoureiro
 - I. Palácio do Alcaide
 - J. Palácio do Escrivão
 - K. Palácio do Tabelião
 - L. Palácio do Tabelião
 - M. Palácio do Tabelião
 - N. Palácio do Tabelião
 - O. Palácio do Tabelião
 - P. Palácio do Tabelião
 - Q. Palácio do Tabelião
 - R. Palácio do Tabelião
 - S. Palácio do Tabelião
 - T. Palácio do Tabelião
 - U. Palácio do Tabelião
 - V. Palácio do Tabelião
 - W. Palácio do Tabelião
 - X. Palácio do Tabelião
 - Y. Palácio do Tabelião
 - Z. Palácio do Tabelião



FREI REGINALDO TOURNIER

CONVENÇÕES		DADOS GEOGRÁFICOS	
● CAPITAL	○ Cidades	Superfície do Estado	147.511 Km ²
○ Vilas	○ Arruaças	População	511.519 hab.
○ Rios		Divisão Municipal	98 Municípios
		Divisão Judiciária	24 Comarcas
		Divisão Policial	99 Termos

Observação sobre limites. — Os limites foram traçados de acordo com os dados de Goiás.
Com o Pará seguiu-se a demarcação do Ovidor Separado procedida em 23 de Agosto de 1810 e a letra dos Alvarás de 18 de Março de 1809 e 20 de Fevereiro de 1814, com Mano Gonsalves observando a opinião de vários topógrafos e a concessão de 1809.

“DEUS ME TROUXE PRA CÁ”:

goianos na Irlanda, projeto emigratório e religião

REIJANE PINHEIRO DA SILVA*

RESUMO Este artigo discute as interpretações de um grupo de imigrantes brasileiros (goianos) sobre a relação entre seu projeto emigratório e sua identidade religiosa. Com base nos resultados de uma etnografia multisituada, realizada no Brasil (Goiás) e na República da Irlanda, no período de 2009 a 2011, faz-se, ainda, uma análise da atuação das igrejas evangélicas e de padres católicos no apoio aos brasileiros que vivem no país. É possível identificar que os imigrantes evangélicos, principalmente, compreendem que sua trajetória é resultado de um “projeto divino”, e a presença deles no país teria também um caráter missionário.

PALAVRAS-CHAVE Imigrantes goianos. República da Irlanda. Religião.

“GOD BROUGHT ME HERE”: people from the State of Goiás in Ireland, emigration project and religion.

ABSTRACT This article discusses the interpretations of a group of Brazilian immigrants (State of Goiás) on the relationship between their emigrant project and their religious identity. As part of the results of a multisite ethnography carried out in Brazil (State of Goiás) and in the Republic of Ireland, between 2009 and 2011, this work also analyzes the work of evangelical churches and Catholic priests in supporting Brazilians living in the country. It is possible to identify that mainly the evangelical immigrants understand that their trajectory is the result of a “divine project”, and their presence in the country would also have a missionary character.

KEYWORDS Goianos immigrants. Republic of Ireland. Religion.

* Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Antropologia da Universidade Federal do Tocantins – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional. E-mail: reipinheiro@uft.edu.br

Introdução

As estimativas da emigração internacional no Brasil, apresentadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) e Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 2010), mostram que, desde a década de 1980, o estado de Goiás se destaca como exportador de trabalhadores para o exterior. No caso em questão, a etnografia levou-nos a constatar que o início do fluxo de trabalhadores de Goiás para a Irlanda está diretamente relacionado ao fechamento do frigorífico Bordon, adquirido pelo grupo JBS em 1993, localizado na Vila Fabril, em Anápolis, GO. Uma senhora brasileira, casada com um irlandês, começou a intermediar a contratação de profissionais da área de produção e processamento para trabalhar legalmente nos frigoríficos Excel Meats (hoje *Kepak*), de Dublin, capital do país, Kilbeggan, no Condado de Westmeath, e Fermoy, no Condado de Cork. Também foram contratados trabalhadores para o frigorífico Dunbia, em Kilbeggan e para a unidade do Dunbia em Navan, no condado de Cavan. Muitos trabalhadores de Cassilândia (MS) foram contratados para o Leaf Meats Limited, na cidade de Ballyjamesduff, também em Cavan. Durante o mapeamento das cidades com maior número de comunidades brasileiras estabelecidas, priorizamos, para a análise que apresento neste artigo, as comunidades das cidades de Gort, Condado de Galway, e Tullamore, em Offally, tanto pelo fato de apresentarem uma forte articulação comunitária religiosa, como por se destacarem nos meios de comunicação nacional como “cidades de brasileiros”.

De Goiás emigraram para a República da Irlanda trabalhadores de Goianésia, Goiânia, Pires do Rio e Santo Antônio do Descoberto. Em menor número, trabalhadores da cidade paulista de Presidente Epitácio (SP) Bagé e Santa Maria (RS), além de Cassilândia e cidades do entorno, no Mato Grosso do Sul. Os salários pagos aos trabalhadores brasileiros eram de aproximadamente R\$ 3.360 e R\$ 4.600, como informou J. G, que trabalhou no frigorífico *Kepak* por onze anos. Em Anápolis a contratação contou com a intermediação de um profissional aposentado que trabalhou como en-

carregado de um dos setores da empresa, que selecionava os profissionais que seriam encaminhados para a Irlanda. Esse senhor e a senhora anteriormente citada enviaram, em 1999, os primeiros 26 goianos para Dublin. Desde então, formou-se uma rede que se ampliou e passou a contar com a ida dos parentes e amigos desses trabalhadores, a grande maioria moradora de bairros da periferia de Anápolis, entre eles a Vila Fabril, onde o fluxo teve início. A intermediária citada também enviou trabalhadores de Presidente Epitácio para os mesmos frigoríficos.

Entre as formas de sociabilidade estruturadas no contexto de vida desses trabalhadores no exterior, está a identificação religiosa. Convém ressaltar que as abordagens contemporâneas sobre o conceito de identidade a consideram referência que, em certa medida, pode ser negociada. Seu caráter dinâmico e os processos que envolvem o “identificar-se” sugerem a impossibilidade de uma concepção essencialista. Por outro lado, considerar que as referências identitárias estão completamente submetidas à fluidez e flexibilização não corresponde ao que a etnografia nos apresentou. A pesquisa de campo trouxe evidências da força das referências regionais na reelaboração da vida dos imigrantes goianos na Irlanda, entre as quais está a identificação religiosa que se mostrou um “porto seguro” no universo de instabilidade que pode ser a experiência de viver no exterior.

Brasileiros-goianos na Irlanda

A presença brasileira na Irlanda não é um fenômeno de destaque em razão do número de imigrantes no país, se comparado ao de imigrantes de outras nacionalidades; o grupo de brasileiros corresponde a apenas dois por cento do total de imigrantes (MAHER, 2010, p. 2):

Brazilian immigrants account for a small percentage of the total number of labour migrants in Ireland. 2006 Census data suggest they comprised less than 2% of the 278.000 non Irish nationals in the labour market, with 4388 brazilian nationals in Ireland at the time, although some estimates at the time put the total numbers of brazilians at closer to 8.000.¹

Dados do Ministério das Relações Exteriores, no levantamento estimativo de 2011, sugerem que há dezoito mil brasileiros vivendo no país – três mil a mais do que mos-

¹ Os imigrantes brasileiros representam uma pequena porcentagem do número total de trabalhadores migrantes na Irlanda. Os dados do Censo de 2006 sugerem que eles representavam menos de 2% dos 278.000 não irlandeses no mercado de trabalho, com 4.388 brasileiros na Irlanda na época, embora algumas estimativas no momento levassem o número total de brasileiros para perto de 8.000 (tradução da autora).

traram as estimativas de 2009. É preciso considerar, no entanto, que houve um incremento da oferta de cursos de inglês e intercâmbio para brasileiros na Irlanda, que contam com a atuação de várias empresas presentes simultaneamente nos dois países. Nesse caso, sugerimos que há um novo fluxo de brasileiros, cujo perfil é completamente distinto dos trabalhadores contratados pelos frigoríficos no final da década de 1990. Segundo o proprietário de uma empresa de intercâmbios na Irlanda, o custo de vida e facilidades como a concessão de visto estudantil, a autorização para trabalho e a segurança pública são pontos favoráveis para o crescimento do número de estudantes que escolhem o país para aprender inglês. Apesar de não existirem dados precisos sobre o número de brasileiros que estão na Irlanda para estudar, com base na observação de campo, podemos sugerir que a grande maioria está concentrada em Dublin. A maioria dos estudantes com os quais convivemos em Dublin tem São Paulo como estado de origem no Brasil. Encontramos muitos outros do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. Em geral, eles trabalham nos setores de restaurantes, limpeza, vendas, entrega de jornal e *au pair*.

No que se refere às pessoas que deixam o Brasil para trabalhar, é importante ressaltar que a maioria nunca viajou de avião e desconhece todos os procedimentos de embarque, o que naturalmente causa insegurança, agravada pelo fato de esses indivíduos terem que transitar em aeroportos internacionais sem falar o inglês. Soma-se a essa inexperiência o medo de que os "arranjos" para a entrada no país não sejam aceitos pelos agentes da imigração e que a pessoa não seja admitida ou seja deportada após sua entrada. Essa insegurança justifica-se, uma vez que, em pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Justiça em 2006 (p. 51), o número de deportações de brasileiros que vivem ilegalmente na Europa aumentou por causa da adoção de políticas rigorosas de controle da imigração ilegal. No relatório, a Irlanda aparece como destaque nos depoimentos dos deportados e não admitidos, pelo "tratamento duro" dispensado aos migrantes. Os goianos, por sua vez, representam o maior número entre os deportados (ver tabela ao lado).

Todas as barreiras encontradas no trajeto emigratório, além de causarem insegurança e medo, reforçam, muitas vezes, sentimentos de inferioridade, fazendo os emigrantes se sentirem diminuídos e sem direito. A insegurança que, entre outros problemas, é resultado da condição de indocumentados e do desconhecimento dos códigos culturais dominantes, impõe o silêncio diante de situações injustas ou de exploração. Muitos

Deportados e não admitidos(as) por estado de naturalidade

Goiás	24
Minas Gerais	13
São Paulo	7
Paraná	7
Rondônia	4
Mato Grosso	3
Pernambuco	2
Santa Catarina	2
Espírito Santo	2
Mato Grosso do Sul	2
Roraima	2
Tocantins	1
Bahia	1
Distrito Federal	1
Rio Grande do Sul	1
Pará	1

Fonte: Secretaria Nacional de Justiça (2006)

admitem reconhecer que estão sendo vítimas, mas preferem não reclamar. Outros reclamam, acionam e mobilizam a comunidade e entidades como o Centro de Apoio a Brasileiros na Irlanda (CABI) para ajudá-los. É possível apreender dessas experiências que há atitudes que demonstram encantamento e receio diante das experiências vividas fora do Brasil. Nas narrativas consideradas, a vida no exterior é apresentada como uma experiência significativa, simultaneamente vista como positiva e marcante, considerando que merecem destaque os dramas vividos, as privações, os desafios superados, as dores, os riscos e as humilhações, bem como as conquistas e os aprendizados.

Consideramos que as formas de interação dos imigrantes com os nacionais, com os colegas de trabalho e com os conterrâneos são mediadas pelas referências do local de origem, pela sociabilidade conhecida, e não pela adesão a um individualismo predominante nos centros cosmopolitas (HANNERZ, 1997). Esses sujeitos movimentam-

se, observam, interpretam, relacionam-se e vivem entrelaçamentos culturais, experiências que os impactam, mas o lugar ao qual pertencem continua como referência sólida e organizadora do mundo. Apoiados nas considerações de Appadurai (2009), direcionamos nosso olhar para as relações e para os processos conduzidos pelas agências dos imigrantes. Dessa forma, procuramos identificar as leituras que fazem sobre o mundo que passam a experimentar, tentando compreender como a identidade religiosa se torna um mediador importante nesse contexto.

A igreja para os imigrantes e as Igrejas dos Imigrantes: católicos e evangélicos e o trabalho de apoio aos imigrantes brasileiros

Diante do crescimento repentino e significativo dos fluxos emigratórios para a Irlanda, surgiram iniciativas como o CABI. Esse centro foi organizado por John O'Reill, conhecido na Irlanda como John Goiano, e do Pe. Patrick Mcnamara². Ambos viveram no Brasil e falam fluentemente o português. John morou em Goiás e lecionou na Universidade Federal do estado. Juntaram-se a eles outros religiosos católicos que também falam português, a exemplo de Timothy McMaron, conhecido entre os brasileiros como Timóteo, e outros padres que moraram no Brasil, como Pe. Kevin e Pe Tiago, entre outros. Observamos que todos os padres irlandeses e voluntários têm em comum uma grande admiração pelo Brasil e pelos brasileiros. Por isso se dedicam em tempo integral aos brasileiros com os quais convivem na Irlanda. John Goiano e Timóteo exacerbam essa paixão. John se nega a entender por que os brasileiros deixaram o Brasil e escolheram a Irlanda para viver. Timotéo afirma que o Brasil ocupa um lugar especial na sua vida:

² A opção por indicar o nome verdadeiro dos religiosos católicos se sustenta na autorização recebida por eles, que, inclusive, acreditam ser importante divulgar o trabalho que fazem. Para os imigrantes, no entanto, optamos pelo sigilo a fim de proteger os eventualmente indocumentados.

Quando os brasileiros me procuram para reclamar das dificuldades, eu procuro ajudar, mas também tenho que dizer para eles: o que vocês estão fazendo aqui? O Brasil hoje tá melhor que a Irlanda, tem universidades melhores, tem um clima melhor, o povo é alegre, a comida é muito boa e basta procurar direito que você acha trabalho. Muito melhor ser feliz no Brasil do que tentar ficar rico na Irlanda.

No meu coração, em primeiro lugar vem a minha família e, em segundo, o Brasil. Todos na minha casa sabem disso. O povo brasileiro é um povo que tem muita fé e, apesar do sofri-

mento, tá sempre feliz, recebe os estrangeiros muito bem, com carinho. Os trabalhadores dos frigoríficos aqui, por exemplo, são muito ligados à família e muito corajosos. Quando nós começamos o trabalho com os brasileiros dos frigoríficos, conhecemos um brasileiro que sofreu um acidente e não foi indenizado. Fomos até o frigorífico com um advogado. O gerente disse pra nós, como ameaça: “Não vamos mais contratar brasileiros, apenas russos”. Então Padre Patrick disse para ele: “Nós também temos padres que falam russo”.

Esse grupo de irlandeses passou a articular ações de apoio aos brasileiros em todas as áreas e demandas. Essas atividades envolvem serviços de tradução nas relações com autoridades, no que se refere a questões jurídicas, trabalhistas e em emergências médicas. Eles também são convocados quando há deportação ou prisão de brasileiros ou outros imigrantes de língua portuguesa. Ao todo, além de John e Timóteo, são seis padres envolvidos nas atividades. Eles revezam-se na celebração das missas e na resolução de problemas diários envolvendo imigrantes. John citou o fato de o frigorífico Kepak recolher ilegalmente os passaportes dos brasileiros, além de alugarem alojamentos sem condições de habitação digna. “Eles melhoraram depois que nós começamos a denunciar, pois os brasileiros não podiam contar com ninguém e nem sabiam falar o inglês”.

O padre Patrick Mcnamara viveu vinte anos no Brasil. Ele atende a cerca de cinco demandas diárias durante a semana. Nos finais de semana, celebra missas em português em várias cidades onde existem comunidades católicas de imigrantes. A atividade de apoio, segundo ele, tem o objetivo de proporcionar suporte emocional, espiritual e legal aos imigrantes:

Os padres são escolhidos ou aderem ao trabalho em razão de dominarem a língua portuguesa, já que a maioria dos imigrantes não fala inglês e não quer aprender. As dificuldades com a língua e a situação de ilegalidade são barreiras muito significativas e muitas vezes impedem a reação diante de situações de exploração e injustiça.

Os brasileiros, segundo o Pe. Patrick, “acreditam não ter direito a nada”, pois estão ilegais (indocumentados). No que se refere especificamente ao não aprendizado da língua, alguns imigrantes nos disseram que a consideram muito difícil e, como não pretendem ficar no país por muito tempo, não se dedicam. Nas tentativas do Centro de Apoio em articular aulas de inglês para brasileiros, o Pe. Patrick afirmou ter percebido dificuldades e desinteresse. Nas primeiras aulas, o número de interessados costuma ser maior, mas, à medida que se apresentam as dificuldades, as desistências começam.

No dia 4 de janeiro de 2009, participamos de uma missa em português na cidade de Tullamore, no condado de Offaly, numa sala anexa à igreja católica local. O Pe. Patrick dirigiu a celebração com a presença de vinte e oito brasileiros adultos e oito crianças, moradores de Tullamore e de cidades próximas. A celebração foi conduzida com a ajuda do proprietário da agência de viagens Apoio Internacional, que tem duas sedes, uma em Goiânia (GO) e outra na Irlanda.

Dado o contexto das festas natalinas e de Ano Novo, o tema da homilia foi a solidariedade e o sentido do Natal diante das guerras no oriente médio. Toda a celebração foi marcada pelas tentativas do celebrante em incentivar a participação do público. A cada momento de oração, ele direcionou perguntas aos presentes, principalmente associadas ao conceito de paz. Explicou a trajetória histórica da criação do Estado de Israel, sugerindo que, após 1948, os judeus invadiram a terra já habitada por palestinos. Importante ressaltar que a celebração ocorreu no contexto das investidas israelenses contra o grupo terrorista *Hamás*, no final do mês de dezembro de 2008 e início de janeiro 2009.

Após a homilia, foram distribuídos *souvenirs*: pequenos presépios de madeira feitos por cooperativas de trabalhadores da Palestina. Ele solicitou que todos rezassem pelos cristãos da região e pela paz. O apelo político da homilia reflete a postura ideológica do religioso que viveu vinte anos no Brasil, envolvido com os trabalhos das pastorais ligadas à teologia da libertação.

Ao final da celebração, ele nos apresentou um panorama geral das suas atividades mais recentes. Enfatizou a honestidade e simplicidade dos brasileiros que vivem no país, pessoas que, segundo ele, vieram do interior do Brasil e nunca tinham feito viagens longas, por isso, muitas vezes, pensam que as coisas na Irlanda funcionam como no Brasil.

Muita coisa faço por telefone ou por e-mail, traduções ou negociações, mas tem bastante procura, estou sempre correndo contra o relógio. Estou traduzindo de segunda a sexta-feira e, nos fins de semana, faço mais na linha espiritual, missas, batizados, casamentos. Muitas vezes é depois da missa que vem gente me procurando pra acompanhar alguém durante a semana. Ontem à noite estive com pessoal do maior sindicato do país, SIPTU, traduzindo e incentivando os brasileiros a se organizarem para se defenderem e se informarem sobre seus direitos, mas muitas vezes nas missas estou incentivando o pessoal a se informar e se sindicalizar. Também estou disponível para traduzir nos meios jurídicos, quer dizer, para advogados, polícia, nos tribunais. Assim faço contato com outros que talvez nem soubessem da minha atividade. Também estou ajudando muitos a se candida-

tarem para viajar de volta para casa, algo pago pelo Estado, por meio da IOM³, para reduzir a necessidade de ser deportado formalmente. Na realidade, tem bastante brasileiros em outras cidades também. Antes da chegada dos brasileiros em Gort, ninguém conhecia nada de lá, agora tem gente falando dela por causa de tanto crescimento e movimento, mas eu desconfio que isso não vai durar muito tempo, com a crise do jeito que está no país. O número de desempregados está pulando, mais 100, 200, até 500 cada dia, em várias cidades no país, e quem não tem *work permit*⁴, como muitos não têm, vai ter que ir embora.

³ International Organization for Migration – Organização Internacional das Migrações.

Um caso de exploração ganhou notoriedade na Irlanda no ano de 2004. O CABI foi procurado por um grupo de quatro brasileiros que trabalhavam em torno de dezesseis horas por dia. Eles foram recrutados pela empresa de uma irlandesa chamada Samantha Hostel, que os submetia, juntamente com outros imigrantes, a trabalhos insalubres e mal pagos. Segundo o religioso, as condições, análogas à escravidão, deixaram o júri e o juiz estupefatos. O juiz chegou a solicitar que os depoimentos fossem repetidos. Ao final do julgamento, a ré foi condenada a pagar todos os direitos dos trabalhadores, ainda que estes estivessem em condições de “ilegalidade”⁵. Segundo o Pe. Patrick, os brasileiros nunca receberam nada, pois ela fechou a empresa e não havia bens que pudessem ser confiscados. Esse e outros casos possibilitam constatar que a condição de “indocumentados”, somada à falta de informação, impõe certo silêncio diante das condições insalubres de trabalho. Segundo o CABI, paga-se na Irlanda em torno de oito euros por hora a esses trabalhadores. No caso dos que têm visto de trabalho, o salário pode chegar a vinte euros por hora.

⁴ Permissão de trabalho.

⁵ Interessante observar que o fato de as vítimas não terem documentos que os autorizassem a viver no país não foi atenuante para a ocorrência de exploração, diferentemente das justificativas dadas pela polícia inglesa para a morte do brasileiro Jean Charles de Menezes. Na ocasião, ressaltou-se a condição de ilegalidade da vítima a fim de minimizar o erro da polícia ao assassiná-lo.

Por conhecerem a realidade e as privações dos imigrantes, os religiosos mostraram-se muito tolerantes com os brasileiros e os veem como vítimas de um sistema injusto que os impeliu a emigrar. Ouvi muitas reclamações sobre as ausências nos cursos de inglês, o que demonstra uma preocupação com a emancipação desses imigrantes, principalmente pelo fato de compreenderem que “sem falar a língua, eles ficam muito mais vulneráveis”, como disse o Pe. Patrick.

As Igrejas Pentecostais

Em Gort, o trabalho de apoio religioso ganha outros contornos, uma vez que os goianos levaram cinco igrejas evangélicas para a cidade. São elas: Assembleia de Deus Ministério de Anápolis e Ministério Madureira, Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus. Com exceção da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), cuja instalação foi por iniciativa institucional, as outras foram iniciadas por imigrantes evangélicos.

As atividades desenvolvidas envolvem, além dos cultos semanais em português, congressos evangélicos, encontros de oração e atividades festivas religiosas. Segundo uma imigrante, são frequentes os congressos religiosos na cidade, mas a conversão de irlandeses ainda é insignificante. Ao entrevistarmos a goiana E. S., 27, moradora de Gort há cinco anos, percebemos que o elemento conversão, fundamental nas igrejas evangélicas pentecostais, é considerado uma missão junto ao povo irlandês, majoritariamente católico: “Meu patrão irlandês tinha câncer, mas eu o levei pra igreja, e Jesus o curou; agora ele continua participando das orações”. Essa perspectiva missionária motiva tentativas de conversão dos irlandeses com os quais os goianos evangélicos mantêm relação direta. No entanto, os próprios imigrantes afirmam que convertê-los é uma tarefa muito difícil.

7 O dia de *San Patrick*, padroeiro da Irlanda, é celebrado em 17 de março de forma muito festiva em todas as cidades onde há comunidades irlandesas, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra. Nesse dia, os irlandeses e descendentes saem às ruas vestidos com as cores da Irlanda, com bandeiras e símbolos. As festas são realizadas nos *pubs* e nas ruas, ao som da música tradicional, marcadas pelo alto consumo de cerveja, principalmente da marca *Guinness*, fabricada no país. São amplamente divulgadas pelos meios de comunicação, tendo em vista que atraem não só irlandeses e descendentes, mas multidões de participantes.

Dois irlandeses entrevistados apresentaram interpretações diferentes sobre a presença das igrejas evangélicas no país. O primeiro afirmou que “essas igrejas oferecem soluções simplistas, e um povo educado, bem informado e crítico não adere facilmente a essas propostas”. O outro ressaltou que as igrejas também refletem um traço da resistência brasileira à integração. Os brasileiros não se integrariam e formariam comunidades separadas, principalmente porque ficam anos no país sem aprender a língua. Insistem em viver como no Brasil, apesar de estarem fora do país. É preciso considerar, no entanto, que a República da Irlanda construiu toda a agência em relação ao colonialismo britânico por meio da sua identidade católica, e a adesão a princípios religiosos distintos poderia contrariar um sentido identitário fundamental no país.

A partir da conversão ao catolicismo, que segundo historiadores foi obra de *San Patrick*⁷, no ano de 500 D.C, a religião na Irlanda se tornou central na oposição à presença estrangeira e na articulação dos movimentos pela libertação do país. No início

do século XIX, a campanha defendida por *Daniel O’Connell* e membros do parlamento tornou-se marco da luta pela libertação e pelo fim das leis que perseguiram e puniam manifestações de adesão ao catolicismo. Para dar mais solidez à ocupação da ilha, a Inglaterra adotou a política das *plantations*. Estimulou para tanto a vinda de escoceses (13.000) e ingleses (7.000), de fé episcopal, presbiteriana ou puritana, facilitando-lhes a aquisição de campos. Os protestantes que hoje habitam a Irlanda do Norte são descendentes desses imigrantes, que ali chegaram ao final do século XVI e princípio do XVII (MADDEN, 2010). A estratégia de ocupação protestante, adotada pela Inglaterra, foi decisiva para o acirramento dos conflitos depois do acordo de independência, em 1921. A divisão religiosa possibilitou que os ingleses conseguissem apoio para que a parte norte da Irlanda permanecesse sob o domínio inglês, o que para muitos irlandeses representou um duro golpe contra a unidade nacional. Apesar da divisão, o poder da Igreja Católica na República da Irlanda se manteve ao longo da história do país como referência fundamental da identidade nacional irlandesa. Os escândalos recentes envolvendo o clero abalaram, sem dúvida, a credibilidade da instituição, no entanto há setores, como a educação fundamental, que ainda contam com o domínio católico, principalmente nas cidades do interior. A primeira fase escolar, que no Brasil corresponderia ao ensino fundamental, é de responsabilidade da Igreja. Ao concluírem essa etapa, um dos rituais de “formatura” das crianças é a primeira eucaristia.

No que se refere ao suporte dado aos imigrantes pelas Igrejas em questão, ressaltamos que uma das diferenças entre o trabalho da Igreja Católica e o trabalho realizado pelas igrejas evangélicas está na forma como concebem a ideia de apoio. A Igreja Católica atua na intermediação de conflitos buscando fundamentação legal. A intenção é subsidiar os imigrantes com informações relativas aos seus direitos. Para isso oferece assessoria de advogados para fazer a intermediação entre eles e as autoridades do país. As próprias celebrações são utilizadas como espaço de informação. Há um padre psicólogo que atende imigrantes brasileiros e outros imigrantes de língua portuguesa. São organizados cursos de inglês e reuniões informativas sobre as leis irlandesas. No caso das igrejas evangélicas, o apoio refere-se à espiritualidade. A oração e a comunhão com Deus seriam formas de sustentação espiritual do imigrante.

No dia 11 de janeiro de 2009, a Igreja Universal do Reino de Deus realizou o seu segundo culto em Gort. Após o culto, o pastor M. A. V. informou-nos que a sua vinda

a Gort está relacionada à grande presença de brasileiros na cidade. Considerando que a Universal se instalou em Dublin há cinco anos, ele acredita que é preciso que ela se desloque para auxiliar espiritualmente os brasileiros, e esse seria o sentido da sua presença na cidade. No dia citado, quatro pessoas participaram do primeiro culto da manhã. Toda a celebração foi conduzida de forma a intercalar momentos de oração e reflexão bíblica. A ênfase da homilia foi a vitória sobre o mal e sobre as tentações. O pastor exortou várias vezes os participantes a declarar a vitória sobre as dificuldades financeiras e sobre os espíritos malignos que perturbam a vida das pessoas. Ao final, centrou seu sermão na importância das ofertas e do compromisso com a igreja. Informou sobre a programação semanal, com cultos em português e inglês, que também consta num cartaz afixado na porta da igreja, e ressaltou a importância da fidelidade a Deus para que essa fidelidade seja retribuída.

O pastor de uma das Assembleias de Gort, M., 43, emigrou para a Irlanda há dez anos, apoiado pelo irmão biológico que já estava trabalhando no país e lhe enviou o número do seu *work permit* e uma carta convite. Assim que chegou a Gort, M. foi contratado pelo *Sean DuffyMeats*, mesmo sem documentos, conseguindo autorização para sua permanência no país. Trabalhou por seis anos e meio no frigorífico, nas áreas de desossa e de matança. Como em Goiás já frequentava a Igreja Assembleia de Deus Ministério de Anápolis, passou a se reunir com o grupo de assembleianos em Gort. Em 2003, alugaram a sala para a igreja que chegou a contar com 200 membros, antes do agravamento da crise econômica e o consequente retorno de muitos brasileiros. Quando questionado sobre como é ser pastor evangélico em um país católico, M. comentou a resistência dos irlandeses à sua pregação e convites:

Nós nunca tivemos nenhum problema aqui no país. Aqui na Irlanda eles têm a religião deles, e se a gente vai pregar, às vezes eles nem aceita (sic). Tem três irlandeses frequentando a Igreja, mas não se converteram ainda não. Eles, na verdade, vêm porque namoram com brasileiras. Eu convido meus amigos irlandeses pra participarem, e eles respondem que já têm a Igreja deles e participam, uma vez por semana, na missa de domingo. À tarde, eles tiram pra ficar com a família e que não têm tempo.

O objetivo da Igreja é ganhar almas para o reino de Deus, segundo M.:

Em um país desses, muitos da nossa nação vêm e se envolvem com vícios, e o nosso trabalho é cuidar desses brasileiros. As maiores dificuldades que os brasileiros enfrentam aqui são os problemas financeiros, de três anos pra cá, começou essa crise mais forte. Os

brasileiros começaram a pedir mais ajuda pra Igreja: para aluguel, alimentos e até ajuda pra poder ir embora pro Brasil. A Igreja aqui tem contato com quase todas as cidades: *Nass, Limerick, Athlone, Kilbeggan, Enis*. São Assembleias de Deus de Ministérios diversos. Visitamos outras igrejas e estamos sempre em contato mais ou menos uma ou duas vezes ao mês. Não tem cultos em inglês. Aqui a gente tira uma vez a cada três meses, faz panfletos em inglês e distribui na cidade. Também temos o trabalho nos lares. Visitamos uma vez por semana. Domingo, terça, quinta e sábado temos cultos na igreja. Temos setenta membros na igreja. Igrejas em Gort hoje são quatro com salão estabelecidos: Assembleia de Deus Ministério Missão, Assembleia de Deus Madureira, Deus é amor, Universal do Reino de Deus e também existem os grupos de outras Igrejas que se reúnem nas casas.

Em Tullamore, participamos de um culto em outra Igreja Assembleia, que ocorreu no sábado, dia 30 de abril de 2011. Ao contrário da Igreja de Gort, a de Tullamore não tinha fachada indicativa e funcionava numa sala alugada, na avenida principal da cidade. Fomos a convite de S, 40, imigrante goiana que frequenta a Igreja junto com os três filhos. O marido, funcionário de um frigorífico, “ainda não aceitou Jesus”, segundo ela, mas “Deus já me deu a promessa”.

Especialmente nesse culto, o pastor da igreja estava viajando, e S. conduziria a celebração, motivo pelo qual se mostrava muito feliz. Na abertura do culto, que contava com a presença de 20 pessoas, entre crianças e adultos, S. fez uma oração e depois leu um trecho do Gênesis, cujo tema era a família de Abraão e Sara. Outros membros da igreja também contribuíram com as palestras da noite; a temática família levou-os a falar dos parentes que estavam no Brasil e os problemas que a comunidade brasileira enfrentava na Irlanda, principalmente financeiros. O caso específico de uma mulher brasileira e de seus filhos, cujo marido havia sido deportado, motivou a arrecadação de alimentos e orações. Além da família, a condição de imigrante e a ideia da missão dos evangélicos na terra estrangeira apareceram nas orações:

Deus pode tocar onde quiser, ele tocou naquele frigorífico e disse: é você que eu quero. Não escolheu gente rica, famosa e importante, escolheu você. Daqui a alguns anos vão dizer de nós: “chegaram uns brasileiros aqui na Irlanda e ganharam esse país para Jesus” (Diácono).

Os evangélicos acreditam que a presença das suas Igrejas na Irlanda reflete o caráter missionário que essas denominações devem assumir. Compreendem, ainda, que todos os processos que os levaram até o país são conduzidos por Deus. Nos cultos, as menções à prosperidade são frequentes. Convém ressaltar que na IURD esse tema

ocupa toda a pregação. Oro (2003, p. 208), mostra que, ao contrário das igrejas cristãs que se relacionam com o dinheiro de forma “dúbia”, as neopentecostais como a IURD atribuem ao dinheiro um sentido positivo, ao mesmo tempo que estabelecem vínculos entre “o dom e a lógica do mercado”. Em síntese, quanto maior for a sua doação, maior serão as graças recebidas. Nas Assembleias de Deus predomina o tema da conversão, pois o grande objetivo dos evangélicos é “ganhar almas para Jesus”, o que pode incluir os irlandeses ou qualquer outra pessoa que se apresente no caminho.

Enquanto os padres que trabalham com os brasileiros são, em sua maioria, herdeiros das concepções da teologia da libertação e comprometidos com a “opção pelos pobres”, referência das ações da Igreja Católica na América Latina desde as conferências de Medellín e Puebla⁸, as igrejas evangélicas pentecostais concebem a relação com a prosperidade de uma forma completamente diferente. Para muitos, ser próspero é uma promessa divina e, nesse sentido, os projetos que envolvem a busca da prosperidade, como a emigração, são conduzidos e abençoados por Deus, pois, na verdade, são projetos do próprio Deus para a vida dessas pessoas.

As observações nos sugeriram que alguns goianos de Anápolis, que emigraram para a Irlanda, estabeleceram redes de solidariedade cuja base é religiosa, articulando seus contatos por meio das Igrejas evangélicas que fundaram no país. Festas, congressos religiosos, reuniões de oração e de cura, *shows* com cantores de música evangélica, jantares com comida típica goiana e churrascos regados a guaraná Antártica são eventos frequentes que agregam os brasileiros goianos no país. A comunidade brasileira de *Tullamore* conta com um número maior de católicos, segundo o CABI. Nessa cidade, há também brasileiros do interior de São Paulo; um deles referiu-se aos goianos de Gort como os crentes: “lá tem muito crente, e eles não se misturam muito com os outros brasileiros”. Um goiano que viveu em Gort por seis anos afirmou que os evangélicos ajudam a manter a boa imagem dos brasileiros na Irlanda, pois não se envolvem em brigas, não bebem e não criam problemas com as autoridades. E. S., 29, moradora de *Gort*, goiana e evangélica, afirma ter vergonha dos problemas que os brasileiros causam:

Aqui em Gort a maioria dos brasileiros é evangélica. Nós não chamamos a atenção com brigas em bares e envolvimento com problemas. Graças a Deus temos uma comunidade forte aqui, e Deus tem salvado muita gente.

⁸ O Concílio do Vaticano II em 1961 e as conferências episcopais que ocorreram em Medellín, Colômbia, em 1968, e Puebla, México, em 1979, orientaram a ação dos católicos para uma aproximação com a realidade de desigualdades econômicas que marcavam o mundo e a América Latina, incentivando o engajamento político, de forma a priorizar os pobres, com vistas à realização de projetos para transformar a sociedade. A teologia da libertação foi um movimento teórico, que teve como principais referências teólogos latino-americanos, que propuseram uma leitura do evangelho sustentando-se na ideia de libertação dos pobres e do fim de todas as opressões.

Alguns pastores responsáveis pelas igrejas evangélicas na Irlanda interpretam a presença dos brasileiros no país como “resultado da mão de Deus”, compreensão também partilhada por muitos imigrantes, evangélicos ou não. A crença de que havia uma força superior conduzindo esses sujeitos ao processo emigratório aparece em muitas narrativas sobre o momento de passagem pela imigração. P., 43, que não é evangélico, define sua chegada à Irlanda como vontade de Deus:

Eu vim porque soube que tinha uma mulher indicando gente pra trabalhar aqui na Irlanda. Na época ela pegava quarenta reais de cada pessoa e prometia que ia organizar tudo. Eu arrumei todos os meus documentos, mas ela enganou todo mundo. Eu já estava com os documentos todos ok. Então pedi ao meu sogro que conseguisse dinheiro emprestado pra que eu viesse. Eu disse pros meus amigos e partimos: eu vou e lá vou abrir caminho pra todo mundo. Fomos um grupo aqui de Anápolis. Na hora de fazer o *chek-in*, já viu como é goiano, nunca viajou pra lugar nenhum né, nem de avião, trocaram os voos e separaram a gente. Eles foram na minha frente, e eu fui em um voo logo depois. Conclusão: os que foram antes de mim foram todos deportados (inadmitidos), todo o grupo, só eu que cheguei depois é que consegui entrar. Então eu fui separado pra poder entrar. Isso é Deus ou destino, não sei, mas parece que tava escrito que eu tinha que conseguir entrar.

Para P., todos os acontecimentos que envolvem sua emigração estavam determinados; ele estaria predestinado a ir para a Irlanda, por isso organizou documentos, conseguiu dinheiro emprestado e foi separado do grupo que seria barrado no aeroporto de Dublin. Mesmo podendo ser interpretado como empecilho que, definitivamente, pudesse desmotivá-lo, o fato de ter sido ludibriado pela intermediária, ao contrário, o animou, fazendo-o persistir. São muitos os relatos de imigrantes que consideram que sua emigração fazia parte de um projeto alheio às suas decisões pessoais. A crença de que viver na Irlanda foi uma decisão superior não é exclusiva dos evangélicos. Muitos que assumem não frequentar nenhuma Igreja também compartilham a mesma crença, o que me leva a sugerir que, entre os imigrantes, a representação cristã de que Deus estaria no controle é um argumento importante na interpretação que esses sujeitos elaboram sobre sua trajetória migrante.

Por outro lado, o número significativo de igrejas evangélicas pentecostais em Goiás e a grande adesão dos goianos a essas igrejas podem contribuir para que compreendamos a convicção que, sem dúvida, move os imigrantes: a tese de que é possível alcançar a prosperidade, ainda que, para isso, tenham que deixar a terra natal e cruzar o oceano.

A goiana M., 49, está em *Gort* há nove meses e já abriu um salão de cabeleireiros na praça central. Ela é membro da Igreja Assembleia de Deus em *Gort* e, apesar de não ter autorização de trabalho, conseguiu abrir o pequeno empreendimento em seu nome:

Meu filho já estava aqui em *Gort*. Eu tinha um salão muito bom em Goiás, sou cabeleireira há muitos anos. Nunca tinha pensado em vir para a Irlanda, até que Deus me falou que eu tinha uma missão aqui. Foi a mão de Deus que me trouxe, foi a mão de Deus que me ajudou a abrir este salão e ter todos esses fregueses. Tenho mais freguesa irlandesa do que brasileira.

M. não demonstra ter dúvidas sobre as razões da sua emigração para a Irlanda. Disse, ainda, ter a certeza de que todos os caminhos estariam abertos, pois o projeto é de Deus e não dela. Afirmou que gosta muito dos irlandeses, que é muito bem tratada e está tentando aprender o inglês. Nos dias em que a acompanhei no salão, observei que, mesmo sem falar a língua das freguesas, as habilidades de M. com a tesoura e o secador e o largo sorriso mostravam-se muito eficientes, o que fazia o salão estar sempre movimentado. Durante as nossas conversas, a cabeleireira confessava que estava ganhando um bom dinheiro na Irlanda, o que ela atribuía às mãos divinas:

Quando a gente entrega a vida da gente pra Deus, você tem que fechar os olhos e confiar. Deus não ia me fazer largar tudo no Brasil pra vir aqui passar dificuldades, não faz sentido se fosse assim. Eu já declarei a vitória em nome de Jesus, pois a minha vida é conduzida por ele.

Importante assinalar que os imigrantes evangélicos em questão não consideram a condição de indocumentados um problema moral, que pudesse se configurar em desrespeito às leis do país e conseqüentemente ser compreendido como uma falta contra os princípios cristãos. Não observei nenhum tipo de conflito em relação a essa condição. Descubri também que alguns pastores usaram documentos das igrejas para ajudar brasileiros a entrar na Irlanda, pois o documento de religioso raramente é questionado na imigração. A “ilegalidade” não é vista por esses evangélicos como um crime. Viabilizar a entrada de outros “irmãos” no país, segundo eles, pode ser manifestação de formas utilizadas por Deus para conduzir seus filhos à prosperidade:

Quando Deus tem um projeto pra vida da gente, ele levanta outras pessoas para te ajudar. Muitas vezes ele revela para essas pessoas o que deve ser feito. De repente, chega um dinheiro que você tava precisando ou uma passagem. A oferta de hospedagem. É tremenda a forma como Deus levanta os irmãos pra ajudar a gente (L., 53).

Considerações Finais

Oro (2011), ao discutir os imaginários religioso e político na América Latina, cita que, entre os principais enunciados religiosos presentes no continente, está o “Deus nos governa do céu”. Na Irlanda, como citamos ao longo do trabalho, muitas narrativas dos imigrantes diziam que “entraram na Irlanda por vontade de Deus” ou sugeriam que “eles haviam sido escolhidos para entrar”, como mostra P., 43. Há nessa perspectiva a forte manifestação de um imaginário religioso que, somado aos outros objetivos que orientam a emigração, fundamenta a decisão de emigrar por considerá-la também um projeto divino, assim como o alcance da prosperidade e o sucesso econômico são frequentemente atribuídos à ajuda divina.

Com base na defesa de que se cultivaram em Goiás fluxos emigratórios sustentados em redes informais de parentesco, redes religiosas, de vizinhança e de amizade, acreditamos que é possível, à luz das análises de Hannerz (1998) e Appadurai (2009), refutar a ideia, muito difundida, que considera a globalização “a entidade” responsável pelos movimentos de circulação internacional, bem como por um processo de homogeneização cultural sem precedentes na história. É evidente que a estruturação de relações econômicas globais e a interdependência dos mercados diminuíram as distâncias entre os povos, mas não podemos deixar de levar em conta as agências locais que articulam a emigração e as formas como os imigrantes “reinventam” sua localidade nos espaços onde passam a viver, conforme analisa Feldman-Bianco (2009, p. 22). Parafraseando a autora, defendo que a vivência religiosa de parte dos imigrantes goianos na Irlanda evidencia uma “inter-relação dinâmica entre globalização e localismos”.

Referências

- APPADURAI, Arjun. *O medo ao pequeno número: ensaios sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2009.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Assistência a brasileiros*. Disponível em: www.itamaraty.gov.br. Acesso em: 21 jul. 2010.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Brasileiros no mundo: estimativas*. Brasília, DF, 2009. 32 p. *Brasileiros viajando para a Irlanda*. Disponível em: www.dfa.ie/home. Acesso: 21 maio 2010.
- BREAKING NEWS. Disponível em: www.breakingnews.ie/ireland. Acesso em: 23 nov. 2011.
- COSTA, Breno. Irlanda barra e prende estudantes brasileiros. *Folha de São Paulo*: 28/3/ 2008. Disponível em: www.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/folha. Acesso: 11 maio 2011.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos. Revista do programa de pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS*, Porto Alegre, n. 31, p. 137-166, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T. T. (ORG). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 1-16, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Questionário 2010 – Censo*. Disponível em www.censo2010.ibge.gov/questionários.php. Acesso em: 21 jul. 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 2010: mais da metade dos emigrantes brasileiros são mulheres*. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em: 16 nov. 2011.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE) Madri, Espanha, s/d. Disponível em <http://www.ine.es>. Acesso em: 25 ago. 2010.

MAHER, Garret. A transnational migrant circuit: remittances from Ireland to Brazil. *Irish Geography*, v. 43, n. 2, July, 2010, p. 177-199.

ORO, Ari Pedro. STEIL, Carlos. (Org.) *Religião e globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ORO, Ari Pedro. STEIL, Carlos. (Org.) Imaginários religiosos e políticos na América Latina. REB. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 282, p. 488-500, 2011.

ORO, Ari Pedro. STEIL, Carlos. (Org.) *Neopentecostalismo, dinheiro e magia*. In: Anuário Antropologia social y cultural em Uruguay. Montevideo: 2002/ 2003, p. 202-214.